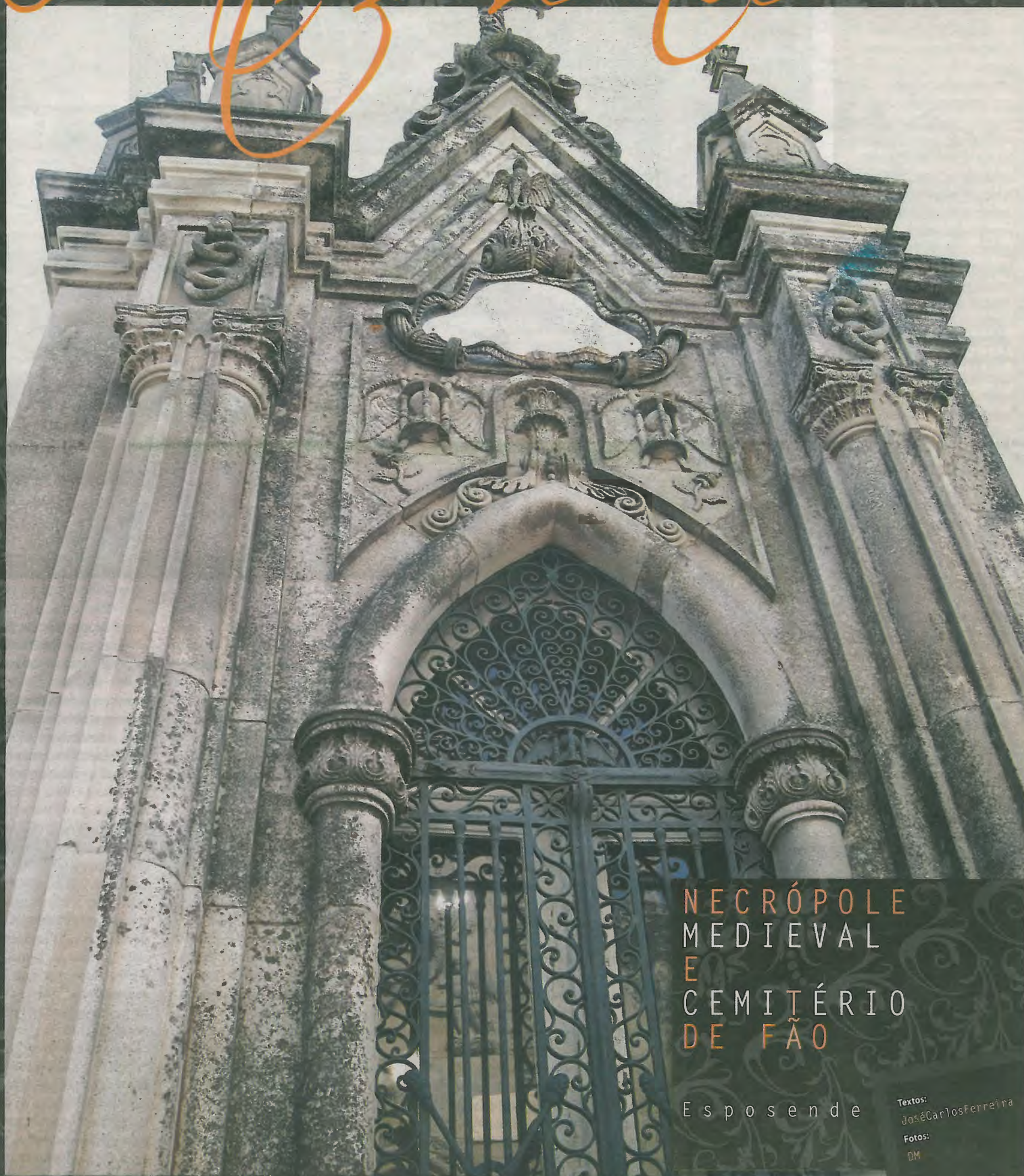


26 DE OUTUBRO DE 2007
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 27935
de 26 de Outubro de 2007,
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



NECRÓPOLE
MEDIÉVAL
E
CEMITÉRIO
DE FÃO

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Fotos:
DM



Introdução

Em vésperas dos dias de Todos-os-Santos e de Fiéis Defuntos, que a Igreja assinala, respectivamente, nos próximos dias 1 e 2 de Novembro, o suplemento do Património propõe esta semana uma visita a dois cemitérios na freguesia de Fão.

Em primeiro lugar, vamos olhar com atenção para um cemitério medieval, localizado no lugar das Barreiras, cujo estudo já permitiu uma tese de doutoramento pela Professora Doutora Eugénia da Cunha que, recentemente, viu negada a autorização por parte do Ministério da Cultura para que se abrisse o túmulo de D. Afonso Henriques, com o objectivo de se efectuar uma análise às ossadas do primeiro rei de Portugal. Este cemitério medieval foi escavado em 1989, sob a direcção do arqueólogo Brochado de Almeida, encontrando-se hoje devidamente delimitado, mas a carecer de uma maior divulgação. Por outro lado, esta é também uma oportunidade para olhar para o cemitério de Fão, construído em 1882, e admirar a arte tumular ali existente, e que exprime a prosperidade económica das gentes daquela freguesia nos finais do século XIX.

Para alguns historiadores, os cemitérios são os Museus dos Mortos, havendo já cidades onde se organizam visitas guiadas a estes espaços. Em Fão, a sumptuosidade de vários jazigos fez mesmo com que, em 1906, fosse editado um postal ilustrado sobre o cemitério. Podemos até arriscar em dizer que o cemitério de Fão será dos poucos, ou talvez o único, a ter um postal ilustrado no nosso país.

Na freguesia de Fão, mais propriamente no lugar das Barreiras, está situado um dos mais importantes cemitérios medievais da Península Ibérica, com um conjunto de 170 se-

Fão possui cemitério medieval dos mais relevantes da Península Ibérica



> As escavações permitiram identificar mais de 170 sepulturas

pulturas, correspondentes a tumulações realizadas entre os séculos XI e XIV.

Tendo em consideração os estudos do historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, a este cemitério correspondia a Fão medieval, dedicada à exploração do sal, «que disputava esta actividade, segundo Virgínia Rau, com Setúbal».

De facto, acrescenta, «já no século X, em 959, surgem os primeiros documentos que mencionam a existência de salinas cuja importância era de tal modo que fizeram parte integrante do testamento de D. Flamula, sobrinha da condessa D. Mumadona, redigido no ano de 997».

Ainda segundo o historiador, «Fão já teria a sua igreja e, ao seu redor, um espaço urbano minimamente organizado com, pelo menos, 33 casais», ou seja, entre 150 a 200 habitantes.

Uma das investigadoras que se debruçou sobre esta necrópole foi Eugénia da Cunha, da Universidade de Coimbra, que elaborou a sua tese de doutoramento, exactamente, tendo por base este cemitério. Neste seu trabalho intitulado "Paleobiologia das Populações Medievais Portuguesas": os casos de Fão e S. João de Almedina, Eugénia da Cunha afirma que, «com toda a probabilidade, muitos dos últimos indivíduos

enterrados no cemitério medieval de Fão foram vítimas da peste, a doença que, de longe, mais afligiu a Idade Média, sendo legítimo, inclusive, supor um eventual abandono da necrópole devido à grande mortandade provocada por esta epidemia».

«O último século de utilização do cemitério terá sido assim, ao nível de praticamente todo o Reino, um século de forte decréscimo populacional com o desaparecimento, segundo as fontes portuguesas, de perto de dois terços da população», acrescenta a investigadora, referindo-se aos efeitos nefastos provocados pela Peste Negra.

Duna soterrou cemitério

Depois de abandonado, conta o historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, este cemitério foi «soterrado por uma imensa duna, por volta do século XVI, e somente nos últimos anos de oitocentos são dadas novas sobre a eventual existência de sepulturas naquela zona».

«Aparecem-nos algumas referências, nos finais do século XIX a alguns achados de superfície, referindo umas caixas em pedra, mas sem atribuir um significado especial», acrescenta.

Um pouco mais tarde, em 1924,

salienta o historiador, «o padre Jerónimo Chaves assinala o local como tendo aí sido descobertas "algumas campas de pedra com ossadas", ligando-as a um possível convento franciscano que por aí tivesse assento».

Nos anos 50, com a construção de uma casa ao lado do cemitério, foram então encontradas estruturas tumulares, referenciadas pelo escritor Manuel Boaventura em 1958, que escreveu terem sido descobertas cerca de 20 sepulturas naquele local, atribuindo-as à época dos romanos.

«Só em 1989, e um pouco por acaso», é que este cemitério foi redescoberto, afirma Manuel Albino Penteadado Neiva. Segundo conta, na altura, umas crianças estavam a brincar no local e decidiram cavar um pequeno poço naquele terreno, que é muito arenoso, tratando-se de uma duna secundária consolidada. «Eles encontraram um conjunto de pedras alinhadas, que formavam uma caixa, e chamaram a atenção da Câmara de Esposende», conta o historiador que, naquela altura desempenhava funções de vereador na autarquia.

«É nesse momento que, juntamente com o professor Carlos Alberto Brochado de Almeida, da

Universidade do Porto, nos dirigimos ao lugar das Barreiras e, de facto, constatámos que se tratava de uma sepultura. Iniciaram-se os contactos com os proprietários do terreno, que autorizaram a escavação», acrescenta.

Segundo explicou, naquela altura foi ainda pedido apoio à doutora Eugénia da Cunha, do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, que recentemente viu recusado pelo Ministério da Cultura um pedido para abrir o túmulo de D. Afonso Henriques, com o intuito de estudar as ossadas do primeiro rei de Portugal. «É uma pessoa com uma competência científica fora do normal», realça o historiador, lembrando que a sua investigação neste cemitério foi mesmo incluída na sua tese de doutoramento.

«A doutora Eugénia da Cunha participou na escavação e, desde logo, pôs uma tónica que estaríamos perante um conjunto de sepulturas que lhe iria possibilitar estudar a população medieval de Fão e escolheu, precisamente, este monumento como parte integrante da sua tese de doutoramento. Também apresentou esta necrópole num congresso em Itália», realça Manuel Albino Penteadado Neiva.

Escavações trouxeram à luz do dia achados arqueológicos importantes

As escavações realizadas em 1989, sob a direcção de Carlos Brochado de Almeida, permitiram a descoberta de alguns achados arqueológicos importantes para a investigação histórica. Tratando-se de um terreno arenoso, gerou-se mesmo a expectativa que as sepulturas estivessem muito bem conservadas. No entanto, os resultados não foram tão altos como se esperava, mas, mesmo assim, houve a hipótese de se retirar elementos preciosíssimos para o estudo daquele local e da população medieval de Fão. Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, que acompanhou de perto as escavações, foram encontradas moedas que permitiram datar a utilização do cemitério entre o século XI e os finais do século XIV. «Não se tratam de moedas colocadas por uma questão votiva, mas porque, talvez, tivessem sido perdidas. E, essas moedas foram importantes porque ajudaram a datar aquele local», disse. Os trabalhos realizados permitiram também encontrar cerâmica considerada interessante, pregos, cavi-lhas e outros materiais. «A nível de peças votivas, que eram colocadas nas sepulturas com a intenção de identificar o cadáver, devo dizer que não apareceu muito material desse. Mas foram descobertos outros materiais importantes, como ossadas e cerâmica», sublinha. Um outro achado considerado muito interessante foi o de uma estrutura dentro do cemitério que parece ser vestígios de um edifício, que não está totalmente identificado. Manuel Albino Penteado Neiva, que na altura era o vereador da Cultura

na Câmara de Esposende, afirma que acompanhou muito de perto estas escavações, tendo mesmo participado na primeira fase dos trabalhos. E, sempre que havia uma novidade, o orientador das escavações fazia questão de o chamar.

Mãe abraçada ao filho

Segundo recorda, algumas das sepulturas, quando escavadas, traziam novidades e faziam despertar sentimentos, tendo-lhe ficado mesmo gravado na memória uma situação concreta. «Uma mãe terá falecido ao mesmo tempo que o filho e a solução foi enterrar os dois e vimos que a criança foi colocada praticamente em cima do peito da mãe e encontrámos os dois esqueletos entrelaçados, o que não deixou de ser comovente», disse.

Por outro lado, sustenta, este cemitério deverá corresponder a um período trágico da história europeia, marcado pela Peste Negra que vitimou imensas pessoas. «Aqui nesta zona, nota-se que também houve grande mortandade, ao ponto de não haver muito tempo para sepultar os mortos, ou seja, vê-se que as sepulturas estão um pouco anarquicamente dispostas. Provavelmente não houve grande tempo para fazer uma sepultura condigna. Era meia dúzia de pedras alinhadas, cobertas por uma lousa e os cadáveres eram lá colocados», afirma.

Para além destes dados, as escavações permitiram ainda verificar todo um ritual de enterramentos, com uma posição canónica perfeitamente definida. «Dava-se à sepultura uma forma de corpo, em que a

cabeça ficava ligeiramente inclinada para a frente e para cima, para ter o céu sempre presente e também o nascer do sol ou Jerusalém. Era uma posição canónica, tradicional e que neste cemitério se verificou em praticamente todas as sepulturas», salienta, acrescentando ainda que havia a preocupação de colocar lateralmente duas pedras ou telhas para encaixar a cabeça com o intuito que ela não inclinasse.

«Após o enterramento, por qualquer motivo, a cabeça podia inclinar para qualquer um dos lados e, aí perderia o sentido do céu e de Jerusalém. E, isto podia ser a perdição no dia do Juízo Final. Portanto, a posição canónica está perfeitamente definida nestas sepulturas do cemitério medieval de Fão, o que é interessante. Acaba também por ser uma curiosidade e, no acto da escavação via-se a posição do esqueleto e as duas pedras a encaixar o crânio, o que é interessante», sustenta o historiador. Por fim, Manuel Albino Penteado Neiva realçou ainda que o estudo antropológico das ossadas deste cemitério permitiram ainda conclusões muito importantes, como a idade da morte de alguns dos indivíduos ali sepultados, as razões da morte, tendo-se notado que alguns casos houve violência, a dieta alimentar e as doenças que atormentaram esta população medieval de Fão, entre outros aspectos. Esta análise aos esqueletos permitiu ainda detectar alguns calos ósseos, que indiciaram uma maior utilização de um determinado membro, permitindo imaginar, por exemplo, que tipo de ocupação profissional aquela pessoa teve no passado.



Ossadas descobertas numa das sepulturas aquando das escavações



Nas escavações trabalharam investigadores de renome científico



Sepultura de um bebé

Cemitério não está ao abandono mas podia ser melhor divulgado

O cemitério medieval de Fão, depois das escavações de 1989, não está votado ao abandono, mas há a firme convicção que este monumento poderia ser melhor divulgado. Para além disso, há também um problema, que não é de menor importância, que é o facto de ele se encontrar em terreno privado.

Na opinião do historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, esta necrópole está bem estudada, já foi tema para uma tese de doutoramento e até já foi apresentada numa conferência em Itália, mas não está tão bem divulgada como seria desejável.

«Este cemitério está numa zona de hotéis, a poucos metros de distância de Ofir, mas o que acontece é que não há hipótese de pôr esta necrópole a ser visitada e a fazer parte do roteiro histórico-cultural que nós tanto desejaríamos», disse.

A razão de tal situação, sustenta, é o facto de serem necessárias obras de consolidação e de musealização daquele espaço, a efectuar pela autarquia ou mesmo pelo Estado, o que para já se torna, por enquanto, uma tarefa muito difícil porque o terreno é particular.

Segundo explicou, «a escavação pôde ser feita, porque, na altura, foi autorizada, mas a partir daí, até à musealização do espaço ainda vai uma distância muito grande».

Neste momento, o cemitério medieval de Fão, que se encontra perfeitamente delimitado, está protegido com uma vedação. Mas, a verdadeira solução, no entender do historiador, seria negociar o terreno com os proprietários, para que se pudesse elaborar um projecto a apresentar ao Programa Operacional da Cultura ou a uma entidade oficial, que possibilitasse que o espaço se tornasse visitável.

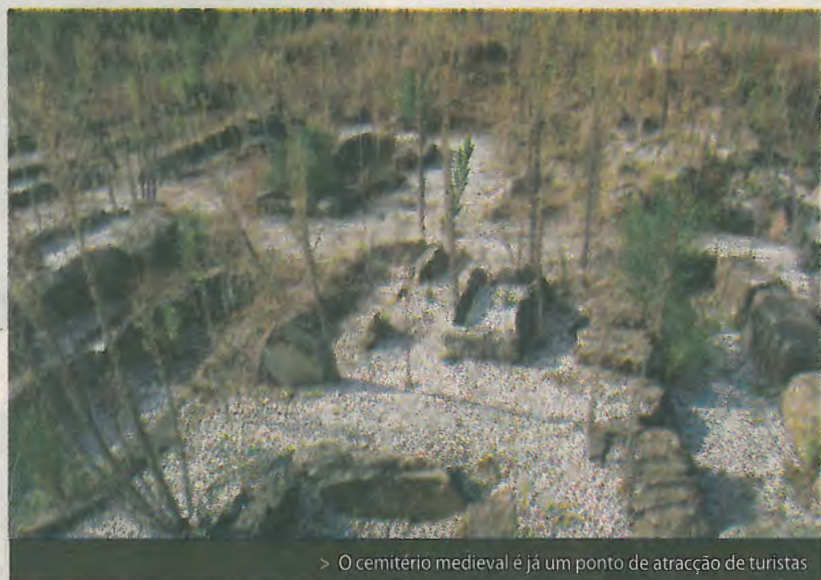
«Isso não tem sido possível porque os proprietários pensam que têm aqui um tesouro. Por outro lado, com o falecimento de um dos proprietários, as partilhas dificultaram ainda mais o processo», conta.

Já foi elaborado um estudo

Tendo em consideração Manuel Albino Penteadado Neiva, no passado já foi elaborado um estudo que podia ser aceitável. «Ao fazer o projecto urbanístico deste terreno, que é muito grande, o empreiteiro que trabalhasse este projecto integrava no próprio prédio a construir um espaço museológico interessante e visitável, em que as sepulturas podiam estar a descoberto, os vestígios ósseos estariam devidamente tratados e podiam colocar-se vitrinas para expor o material que aqui foi descoberto», sustenta.



> O cemitério está vedado e protegido por uma cerca



> O cemitério medieval é já um ponto de atracção de turistas



> Sepultura que não foi escavada

No entanto, esta ideia acabou por não vingar porque «as pessoas continuam a achar que ter um apartamento por cima daquilo que foi um cemitério é muito complicado». «Se as pessoas olhassem para isto como um monumento e não propriamente como um cemitério, eu penso que não era por aí que as coisas poderiam correr mal. Mas, o que é certo é que esse projecto não foi avante e, por isso, estamos praticamente na estaca zero», acrescenta. A par deste problema, coloca-se ainda um outro que é o facto do cemitério medieval de Fão estar apenas classificado como monumento

de interesse concelhio, no Plano Director Municipal de Esposende, não beneficiando de qualquer outro tipo de protecção. Assim, é de todo o cabimento perguntar porque é que não se avançou para uma classificação junto do IPPAR quando foram efectuadas as escavações e se descobriu que este era um achado de grande importância. «Porque nós sabemos que no nosso país, quando se classifica uma coisa é para a deixar ao abandono. Esta necrópole, de certeza absoluta, se fosse classificada pelo Ministério da Cultura nunca mais ninguém lhe podia tocar. Para se fazer uma

pequena investigação era preciso pedir autorização e sabe-se lá se seria autorizada. Para se fazer aqui uma musealização de certeza absoluta que se levantavam todos os problemas. Esta é a vida dos nossos monumentos», responde Manuel Albino Penteadado Neiva. Assim, para o historiador não restam dúvidas que, se na altura o cemitério tivesse sido classificado, hoje a Câmara de Esposende não podia sequer estar a pensar na sua musealização. Esta necrópole, hoje, está «invadida» pelas ervas. Mas também há a consciência que a utilização de químicos

para anular a vegetação espontânea é extremamente prejudicial para os vestígios arqueológicos ali existentes. Por outro lado, a limpeza do local por funcionários da Câmara seria fazer a manutenção do espaço que não é municipal. Como se pode verificar, esta é uma situação problemática. Segundo Fernando Pieira, que foi presidente da Junta de Fão e mora em frente à necrópole, neste Verão foram muitos os turistas que procuraram visitar a necrópole. No entanto, devido à vegetação que, na altura era abundante, nada conseguiram ver, ficando decepcionados.

Cumprimento das leis de saúde levou à construção do cemitério de Fão

A decisão de se construir, na segunda metade do século XIX, o cemitério paroquial de Fão prende-se com a urgência em fazer-se cumprir as Leis de Saúde promulgadas por Costa Cabral.

Segundo o investigador Manuel Albino Penteado Neiva, por volta de 1860, Fão passou por um grave surto epidémico que obrigou as autoridades a tomarem medidas de saúde pública.

O historiador conta que, devido a uma grande mortandade originada pela epidemia, «todos os espaços para enterramentos na freguesia estavam lotados». O problema foi de tal forma relevante que, na reunião da Junta de Paróquia de Fão realizada a 22 de Novembro de 1872 foi salientada «a urgência em fazer cumprir uma directiva do Governo Civil de Braga que exigia o cumprimento das Leis de Saúde, isto é, a proibição de continuar a efectuar enterramentos nas igrejas de Fão». No entanto, acrescenta, «nessa mesma reunião foi pedido às autoridades que protelassem um pouco esta exigência, atendendo a que os fangueiros estavam empenhados, naquele momento, nas obras de recuperação da sua igreja e, por essa razão, não poderiam custear a obra do cemitério». Manuel Albino Penteado Neiva explica que, naquela altura, Fão estava continuamente a ser invadida por areias trazidas pelos ventos e os seus monumentos estavam constantemente a sofrer danos. «A igreja paroquial foi um desses monumentos que durante séculos e séculos esteve constantemente a sofrer as consequências dessa invasão de areias. Aliás, se virmos agora a igreja paroquial de Fão constatamos que ela ainda está praticamente circundada por uma duna. Mas, na altura, houve a necessidade de construir uma torre, de voltar a pôr um telhado e de fazer mais uma série de obras e, por isso, a Junta de Paróquia e o próprio Prior pediram ao Governador Civil para que lhes deixasse protelar um pouco a construção do seu cemitério porque estavam a investir no seu templo», conta.

A escolha do local

Passados cinco meses deste pedido, foi então decidido qual o local onde seria construído o novo cemitério paroquial de Fão. Segundo o historiador, «por deliberação do Conselho de Distrito, em Acórdão de 18 de Abril de 1873, decidiu-se que o adro da Capela da Boa Morte seria o local ideal para aí funcionar o cemitério de carácter paroquial». «Assim, e face a esta deliberação, a Junta de Paróquia, juntamente com o Regedor de Fão, chegaram à conclusão de que o pavimento da igreja pa-



> Entrada para o cemitério paroquial de Fão



> Cemitério de Fão fica situado à face da Estrada Nacional 13

roquial já não oferecia grandes condições para receber mais cadáveres, porque estava praticamente repleto, pelo que a escolha de outro local era urgente», acrescenta.

Outra questão que se colocou à volta da construção deste cemitério era se este deveria ser ou não um cemitério paroquial.

Segundo Penteado Neiva, «esta dúvida levantou-se precisamente numa reunião da Junta de Paróquia realizada em 18 de Outubro de 1875, na qual o presidente Gonçalo Lourenço Cardoso Viana disse ter ouvido que o Governador Civil de Braga terá perguntado se o cemitério de Fão era paroquial ou municipal».

«Efectivamente, e reportamo-nos novamente à documentação estudada, houve troca de informações neste sentido, mas a Câmara Municipal não

foi favorável à classificação de municipal», sustenta o investigador.

O historiador salienta que, «curiosamente, e à revelia das autoridades locais, alguém terá enviado informações quer para o governador civil quer para a Câmara Municipal, denunciando que a Freguesia de Fão não teria posses para manter o cemitério e que este era muito pequeno e que só a Irmandade da Misericórdia o encheria facilmente», negando-se ainda que «não serviria mais do que a décima parte da população fangueira». Perante esta denúncia, acrescenta Penteado Neiva, «a Junta de Paróquia recusou tais argumentos alegando que Fão tinha possibilidades de ter o seu cemitério paroquial e que, além disso, teria ainda possibilidades, sempre que fosse necessário, comprar terrenos para o alargamento da sua área».



> Cemitério foi construído junto da capela da Boa Morte

Capela da Boa Morte recuperada para servir de templo ao cemitério

Foi a 16 de Julho de 1882, ou seja, há precisamente 125 anos, que a Junta de Paróquia e o Prior de Fão abriram as propostas apresentadas para reconstruir a capela de Nossa Senhora da Boa Morte, com o intuito de a colocar ao serviço do cemitério. Segundo os estudos, este era um pequeno templo antigo e que já vinha referido nas "Memórias Paroquiais de 1758", onde o pároco de então afirmava que «a capela de Nossa Senhora da Boa Morte se situava nos arrabaldes da freguesia».

Assim, sustenta Manuel Albino Penteado Neiva, «quando os fangueiros pensaram construir o seu cemitério (...) aproveitaram o facto de, nesse mesmo local, existir em ruínas uma pequena, mas interessante capela, cuja invocação era precisamente Nossa Senhora da Boa Morte e que suscitou, desde logo, a ideia de vir a servir para capela de repouso ou mortuária».

O historiador sustenta que, na altura, a decisão das autoridades da freguesia foi dismantlar o pequeno templo e reconstruí-lo de uma forma «fiel e cuidadosa», como referem os documentos históricos. No seu estudo sobre o cemitério paroquial de Fão, Manuel Albino Penteado Neiva revela que, depois de abertas as propostas, «a obra de pedreiro foi entregue a Manuel Gomes Ferreira, que se propôs realizar toda a obra por 100.000 reis».

«José de Passos de Jesus encarregar-se-ia», por sua vez, «pela obra de carpinteiro, pelo valor de 74.500 reis e, João Barbosa Rodrigues faria o trabalho de caiador e pintura pela importância de 33.400 reis», acrescenta, salientando ainda que «todos estes mestres e artistas eram naturais e residentes em Fão».

Ainda segundo o investigador, «pela documentação estudada, mesmo em ruína, a capela continuava a ter bellíssimas imagens que foram, também, recuperadas».

No entanto, todo este processo parece que não foi tão pacífico quanto se pretendia, uma vez que a Junta de Paróquia queixou-se que o Arcebispo de Braga, através de ofício, não dava o seu parecer favorável às obras em curso.

Contudo, salienta o historiador, «indiferentes, os fangueiros continuaram a levar por diante a sua vontade e as obras foram adjudicadas, os cadernos de encargo foram assinados e o contrato foi cumprido rigorosamente». Assim, conta Manuel Albino Penteado Neiva, «as obras de reconstrução da capela constavam da recuperação de toda a cantaria existente» e «todo o trabalho tinha que ser executado no prazo máximo de 90 dias».

No que diz respeito à parte de

carpintaria, exigia-se «que todo o tabuado fosse de castanho e a pintura fosse de grande qualidade», impondo-se ao mesmo tempo que o mobiliário ainda existente, como por exemplo, os armários de sacristia, os bancos e os cabides, deveria ser recuperado e recolocado no mesmo local.

Por fim, «tudo que constasse a caiador e pintura, exigia-se que os "traços de cal" fossem bem feitos para durarem muito tempo», enquanto que «a tribuna seria pintada a óleo branco», afirma Manuel Albino Penteado Neiva.

Primeiro jazigo do cemitério de Fão

Segundo o estudo elaborado por este historiador, «o primeiro jazigo a ser construído e registado data de 1884, e foi pedido por António Ribeiro Carvalho, cujo registo foi exarado num livro próprio, onde constam todos os jazigos familiares e perpétuos existentes no cemitério paroquial de Fão», realçando-se ainda como nota curiosa que um terreno para um jazigo custava entre 3.170 e 15.850 reis.

Outra curiosidade foi o facto de ter havido uma preocupação, quer da Junta de Paróquia quer mesmo do Prior, aquando da construção do cemitério «em solicitar ao Arcebispo de Braga a separação, bem nítida,



A capela foi reconstruída por mestres de Fão

de um terreno neste cemitério para que aí fossem sepultadas as pessoas que professassem outros credos», tendo a demarcação desse talhão sido estabelecido no terreno entre o jazigo de José Joaquim Cardoso e o muro do lado do nascente e sul,

afirma o investigador. Para Manuel Albino Penteado Neiva, «este cemitério transforma-se, em pouco tempo, num dos mais interessantes cemitérios românticos onde pululam elegantes capelas-jazigos de arquitectura neogótica»,

ao ponto de, «em 1906, quando o tipógrafo e editor José da Silva Vieira fez a edição de uma série de postais ilustrados sobre o concelho de Esposende, produziu um postal sobre o cemitério de Fão, pois, já na altura era motivo de contemplação».



O primeiro jazigo a ser construído no cemitério



O cemitério de Fão destaca-se pelos jazigos neogóticos

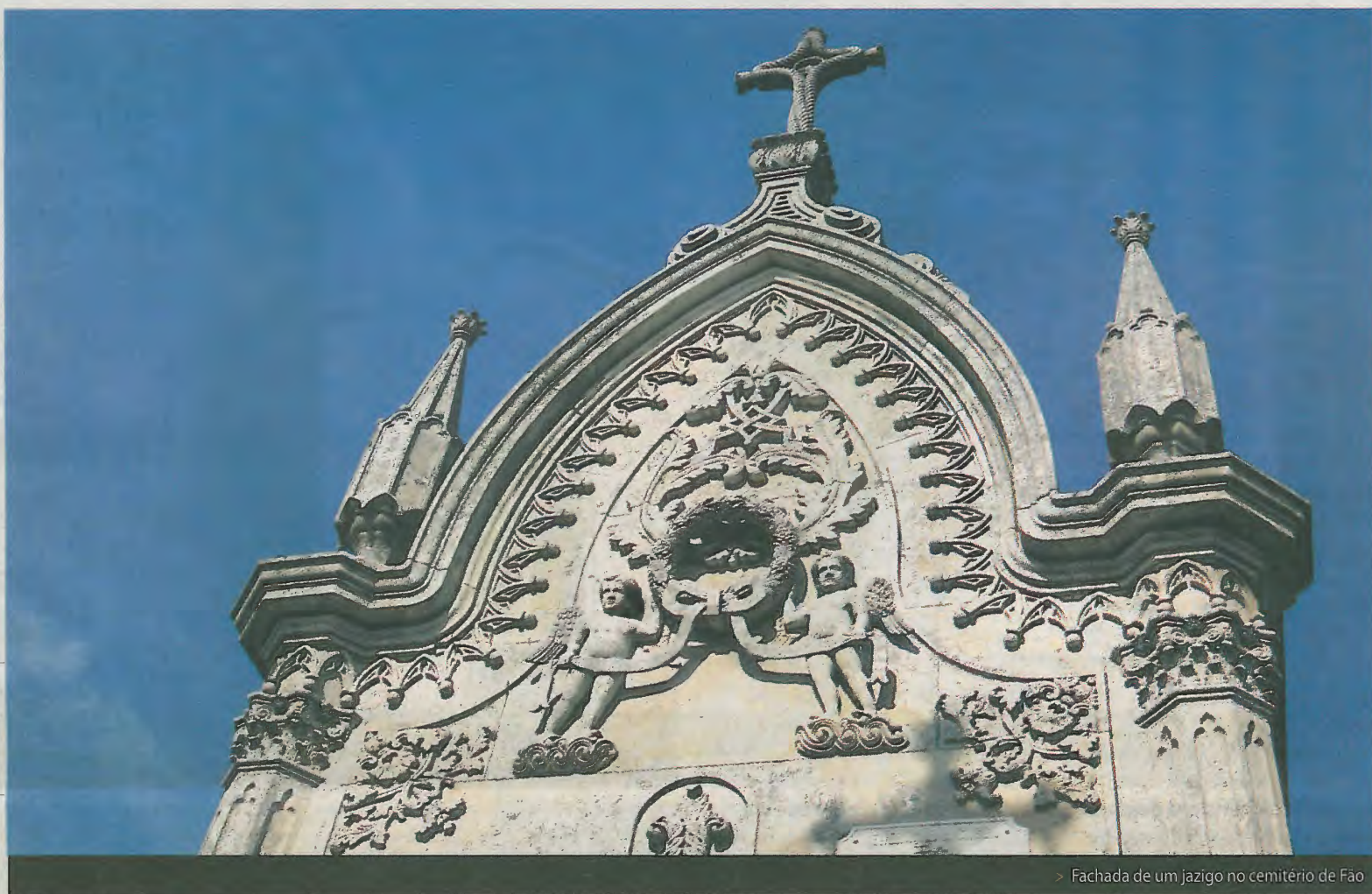
Jazigos exibem a arte dos labristas das Marinhas

Ao visitar-se o cemitério paroquial de Fão é impossível ficar-se indiferente à arte tumular ali existente e que representa o talento dos labristas, das Marinhas, que souberam trabalhar o granito como ninguém. «Ainda hoje há descendentes desta família de labristas. Quem passa na Estrada Nacional 13 vê de um lado e do outro ateliers de pedra e um deles é da família Quintino, que ainda é descendente da família dos labristas, que são os Ribeiros. São os Ribeiros que trabalham com afinco e com inteligência o duro granito da nossa região», afirma Manuel Albino Penteado Neiva. Aliás, o historiador conta um encontro que teve há cerca de 15 anos com um membro desta família que lhe mostrou documentos muito interessantes. «Eu contactei com um neto dessa família dos labristas e ele mostrou-me, com algum orgulho, sebatas com desenhos e projectos de alguns destes jazigos que foram feitos pelos seus antepassados, onde constava, por exemplo, uma coroa de louros que se pode ver num deste jazigos. Assim, ele mostrava os desenhos e as cartelas às pessoas que encomendavam as obras. Havia uma preocupação em dialogar com as pessoas no sentido de saberem o que é que elas pretendiam para os seus jazigos. Essa neto, infelizmente, já faleceu e eu depois perdi o rasto a esses documentos», afirma.

Na opinião de Manuel Albino Penteado Neiva, esta família de labristas, oriunda das Marinhas, é muito importante, não só na construção dos jazigos, mas também das igrejas, das capelas e das grandes casas do concelho. Desta forma, foi esta geração de artistas que concretizou as obras de arte no cemitério de Fão, encomendadas por pessoas com muito dinheiro. Segundo o historiador, Fão é uma terra em que o fim do século XIX é de grande pujança, com o regresso de muitas famílias e de muitas pessoas que foram para o Brasil e lá fizeram fortuna. «Eles construíram os seus palacetes aqui em Fão e, naturalmente, não podiam deixar de também construir o seu palacete eterno. A opulência e a imponência que vemos nas suas casas também vemos nos seus jazigos. Podemos aqui ver uma Fão endinheirada, com famílias de grandes posses e que aqui perpetuaram as suas memórias», afirma.

Cemitérios deviam ser visitados

Perante a monumentalidade de alguns dos jazigos, Manuel Albino Penteado Neiva defende que os cemitérios têm de deixar de ser vistos como locais de tédio ou de medo, mas sim de memória. «É evidente que os cemitérios nos trazem recordações. Trazem-nos a



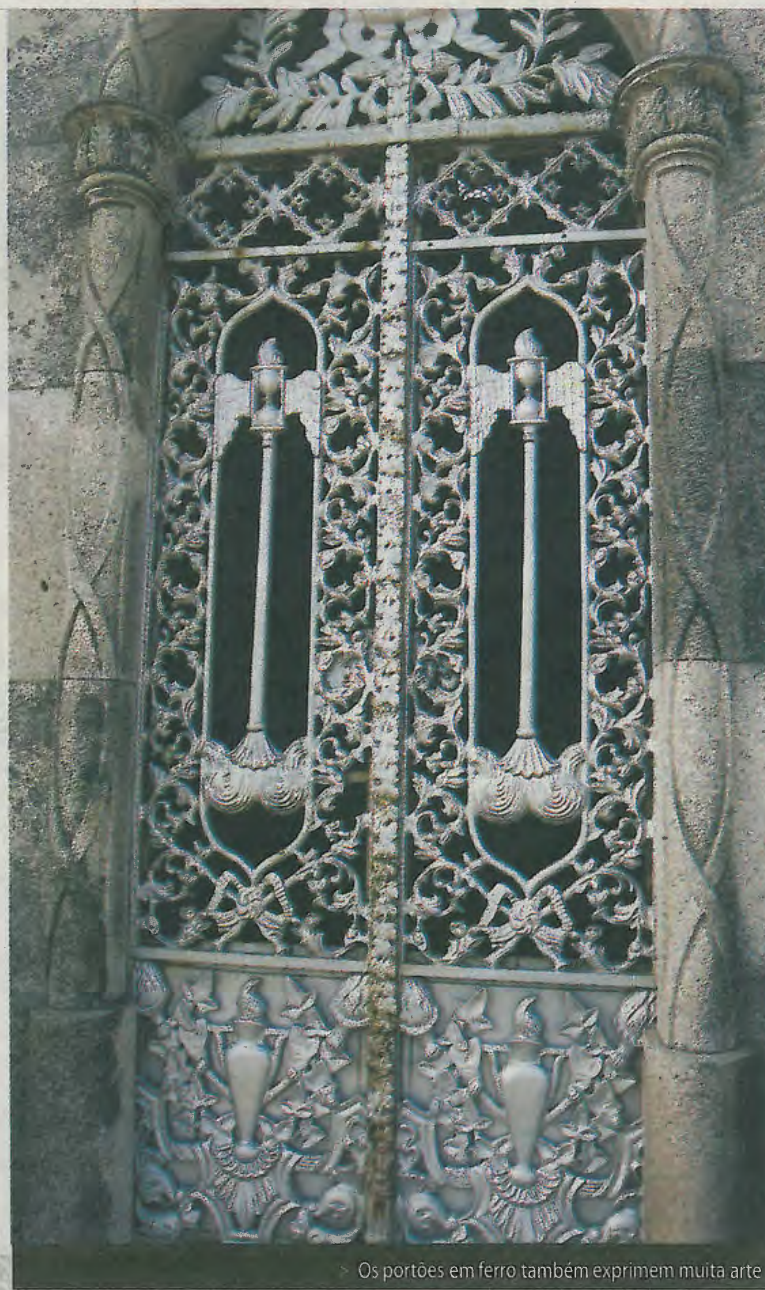
> Fachada de um jazigo no cemitério de Fão



> Símbolos ligados à profissão do instituidor do jazigo

ideia dos entes queridos. Trazem-nos alguma preocupação com o constatar de uma realidade inultrapassável, que é a morte. Mas, o que é certo é que nós podemos despir um pouco essa roupagem de sensibilidade cristã e olhar para estes monumentos como o reflexo de uma época, em termos de arte, e de uma mentalidade», sustenta. Para o historiador, visitar um cemitério pode ser também a ocasião para recordar personalidades que lá estão sepultadas e que foram importantes nas artes, nas ciências, nas letras ou em qualquer outro campo, tal como já se faz em outros países. Um dos exemplos é o cemitério "Père Lachaise", em Paris, onde se encontram sepultadas grandes personalidades, e que é visitado por milhares de pessoas, existindo mesmo uma página na

internet, que possibilita uma viagem virtual àquele local, com fotografias panorâmicas de 360°. «Eu estive na Irlanda, onde há cemitérios que são espantosos e as pessoas vão visitá-los. Outro exemplo são os cemitérios judeus, que são fantásticos. A memória das pessoas que ali estão sepultadas pode ser honrada, falando, por exemplo, sobre elas. Em Fão temos, por exemplo, o grande pintor António Carlos Esteves, o grande músico padre Borda, e o professor doutor Flávio Gonçalves, que foi um excelente historiador de arte. Porque não falar destas pessoas no próprio cemitério? Se calhar, estamos a homenageá-los e a despir o conceito que essa pessoa morreu, mas que tem de estar viva entre nós», salienta Manuel Albino Penteado Neiva.



> Os portões em ferro também exprimem muita arte



No cemitério paroquial de Fão encontra-se o jazigo de António Carlos Vila Chã Esteves, que foi, para além do comandante dos bombeiros, um grande pintor e escultor. Entre as suas várias obras conta-se a escultura de António Correia de Oliveira, colocada junto à Câmara de Esposende.



Uma das figuras de relevo sepultadas no cemitério de Fão é o padre Manuel de Faria Borda. Este sacerdote foi compositor, pedagogo e regente de coros, tendo fundado, em 1944, os Pequenos Cantores da Imaculada. Para o Coro de Fão musicou salmos e compôs cânticos religiosos.



Nas escavações realizadas no cemitério medieval de Fão, para além das 170 sepulturas identificadas, foram ainda descobertas as fundações de um edifício, do qual não foi possível apurar a função.



Tal como na grande maioria dos cemitérios, o de Fão possui um talhão exclusivamente dedicado à memória dos combatentes da Grande Guerra. Nele estão sepultados militares dos vários ramos das forças armadas.



A par das obras de arte que são os jazigos, merecem também uma atenção especial os portões em ferro que embelezam estes monumentos. Alguns destes portões foram feitos na Fundição da Trindade, no Porto.



Em 1906, o tipógrafo e editor José da Silva Vieira fez uma série de postais ilustrados sobre o concelho de Esposende, tendo incluído nesta colecção um postal sobre o cemitério de Fão.